

# Maria

## no Cristianismo Protestante

Sessão do CEMES – 25 de Março de 2017

Para todos os que se afirmam cristãos, Maria enquanto mãe de Jesus Cristo, o Filho de Deus, é certamente a mulher mais bem-aventurada de toda a História. No entanto, para além das breves referências a Maria nos textos dos Evangelhos, sempre acompanhando determinados momentos da vida do seu Filho, pouco mais se sabe sobre esta misteriosa mulher que viveu nos anos de transição para a era cristã. O que sabemos é que, apesar de o Credo dos Apóstolos, com origem nos primórdios do Cristianismo, se limitar a afirmar que Jesus “nasceu de Maria Virgem”, ao longo dos últimos dois milénios o pensamento da Igreja acerca de Maria, nomeadamente da Igreja Católica Romana, sofreu sucessivos desenvolvimentos, o que tem contribuído para afundar a separação entre a referida Igreja e as confissões cristãs com origem na Reforma da Igreja do século XVI, conhecidas por Igrejas Protestantes. Se os protestantes consideram que os católicos romanos exaltam excessivamente a espiritualidade de Maria, por sua vez os protestantes podem ser acusados de não a valorizarem adequadamente. Assim, no ano em que também se evocam 500 anos passados sobre a Reforma Protestante, o CEMES decidiu trazer a debate o tema “Maria no Cristianismo Protestante”, o que aconteceu na sessão do dia 25 de Março de 2017, pelas 16 h.

Desta vez, os oradores convidados foram dois pastores metodistas, o Rev. Eduardo Conde e o Rev. Emanuel Dinis, o primeiro Pastor da Igreja Metodista de Aveiro e o segundo Pastor da Igreja Metodista de Valdosende. Para além da formação teológica, comum a estes dois pastores, o Pastor Emanuel Dinis também tem formação na área da Antropologia. Nesta sessão do CEMES, estiveram presentes cerca de 62 pessoas, entre elas algumas das presenças habituais e ainda várias mulheres das diversas igrejas metodistas, que durante esse dia tinham estado reunidas nas instalações do Mirante, em Plenário da Federação Mulheres Metodistas (FMM).

A apresentação deste tema decorreu em duas “etapas”. O Pastor Eduardo Conde falou primeiro sobre a evolução que o entendimento acerca de Maria sofreu ao longo da História do Cristianismo, bem patente nas representações de Maria em obras de pintura de diversas épocas. Logo a seguir, o Pastor Emanuel Dinis, destacou as diferenças de entendimento acerca de Maria entre católicos e protestantes, numa abordagem mais teológica.

O Pastor Conde começou por nos situar no século V e no contexto da Igreja Ortodoxa do Oriente, uma Igreja que sempre atribuiu a Maria uma posição relevante. Referiu-se à polémica que se acendeu nessa época em torno do mistério da encarnação e da natureza de Jesus. Nestório, patriarca de Constantinopla, e Proclo, secretário do seu antecessor no

mesmo cargo, os dois conhecidos por serem bons pregadores, foram protagonistas dessa polémica que envolveu duas facções teológicas que divergiam nas suas concepções cristológicas e mariológicas. Se uns enfatizavam o facto de Jesus, o Filho de Deus, ser verdadeiramente humano, para outros só o era aparentemente. Nestório acreditava que nenhuma união entre o humano e o divino seria possível. Cirilo, então patriarca de Alexandria, teólogo, doutor da Igreja, perseguidor dos judeus, apoiou Proclo, que defendia que a natureza humana e divina de Jesus Cristo eram inseparáveis, logo Maria seria “mãe de Deus”. Em determinada altura, Cirilo solicitou ao Papa de Roma, Celestino I, a mediação deste conflito, mas ele acabou por entregar essa mediação ao próprio Cirilo. Então, sendo Teodósio II Imperador de Roma, realizou-se o Concílio de Éfeso (431 d.C.), precisamente no local onde Maria era muito considerada e teria morrido. O Concílio de Éfeso ficou marcado pelo confronto e por recriminações. Cirilo defendia o título de Theotokos ou “mãe de Deus”, para a Virgem Maria, por ser a “portadora de Deus”, advogando a união perfeita e inseparável da natureza divina e humana em Jesus Cristo. Por sua vez, Nestório propôs o título de Christotokos para Maria, considerando que ela seria só “mãe de Cristo”, isto é, aquela que só deu corpo à humanidade de Jesus Cristo. A Nestório parecia absurdo um ser humano, como Maria, ser mãe do Criador, mas o Concílio de Éfeso julgou insuficiente o título de Christotokos para Maria e Nestório saiu de lá vencido, deposto, declarado herético. Para dar um exemplo do que o Concílio de Éfeso aprovou no que diz respeito a Maria, o Pastor Eduardo Conde leu um pequeno extrato do discurso de Cirilo no referido Concílio, que transcrevemos: “Salvé, ó Maria, Mãe de Deus, virgem e mãe, estrela e vaso de eleição! Salvé, Maria, virgem, mãe e serva: virgem, na verdade, por virtude daquele que nasceu de ti; mãe por virtude daquele que cobriste com panos e nutriste em teu seio; serva, por aquele que amou de servo a forma! Como Rei, quis entrar em tua cidade, em teu seio, e saiu quando lhe aprouve, cerrando para sempre sua porta, porque concebeste sem concurso de varão, e foi divino teu parto. Salvé, Maria, templo onde mora Deus, templo santo, como o chama o profeta David, quando diz no Salmo 64: “O teu templo é santo e admirável em sua justiça”. Salvé, Maria, criatura mais preciosa da criação;”. Posteriores Concílios da Igreja de Roma ratificaram estes princípios do Concílio de Éfeso. O Papa Sixto III, que sucedeu a Celestino I, dedicou uma basílica sob a invocação de Maria, Mãe de Deus. Essa edificação teve origem na declaração dogmática de “Maria, Mãe de Deus” (Theotokos), no Concílio de Éfeso. Assim, a Basílica de Santa Maria Maior é a mais antiga igreja do Ocidente consagrada à Virgem Maria, também a maior igreja mariana na cidade de Roma. Nos finais do século V e durante o século VI multiplicaram-se as festas marianas no Império do Oriente, em grande parte sustentadas nos escritos do Proto-Evangelho de Tiago ou da Infância de Tiago, que tinha sido considerado apócrifo. No que diz respeito a Maria o pensamento foi evoluindo no sentido da sua divindade,

---

passando-se, por exemplo, a considerar a ausência de pecado em Maria. Também se multiplicaram as imagens e representações de Maria, primeiro associada à morte do Filho, e sempre a apontar para Jesus, depois tornando-se ela própria, lentamente, o centro da imagem. Em imagens projetadas pelo Pastor Eduardo Conde, nomeadamente as bizantinas, Maria surge com traje de imperatriz. O uso da cor azul associada a Maria, também teve origem num longo debate teológico. A imagem de Maria continuou a sofrer desenvolvimentos... Por exemplo, a designação de Nossa Senhora surgiu na Idade Média, associada ao amor cortez – ela passou a ser a amada por quem por amor se faz tudo. No início do segundo milénio, por volta do ano de 1160, a Catedral de Santo Estevão, em Paris, passou a chamar-se Catedral de Notre Dame (Nossa Senhora). Esta designação atribuída a Maria conferiu-lhe uma nova dimensão. Maria, a senhora amada, Nossa Senhora passa a ser celebrada por ela mesma, já não por ser a “mãe de Deus”. A partir dessa altura, só em França, passaram a ser dedicadas a Nossa Senhora 59 catedrais. Esta foi a fórmula encontrada para canalizar a religiosidade popular, também orientada piedosamente para as relíquias dos santos, a começar por João Batista e pelos apóstolos. Na Idade Média, estavam criadas as condições para a sublimação de Maria, isto é, a sua elevação a quase quarta pessoa da Santíssima Trindade! Maria adquire o estatuto de advogada dos homens, sua defensora e protetora do diabo. Efetivamente, no século IX, o diabo era considerado e representado como um ser tenebroso. Surgem numerosas imagens do Juízo Final, em que se distinguem claramente dois lados, o direito e o esquerdo. O lado direito é o lado do inferno, onde em muitas imagens se observa o diabo, inimigo da Igreja. Do outro lado, vemos anjos e santos protetores do julgamento de Deus. Nesta altura, surge também a ideia de purgatório e as indulgências, a ele associadas. O purgatório passa a funcionar como um tribunal permanente das almas humanas. Maria assume a função de anunciar aos perdidos que já é demasiado tarde para eles. Na obra de Dante, a “Divina Comédia”, escrita no século XIV, Maria surge sempre muito ativa e pronta a proteger. Considerava-se que Jesus, enquanto modelo de filho, à sua mãe nada pode recusar, por isso multiplicavam-se as preces à advogada das almas no purgatório. Ao longo do tempo, a Igreja foi estabelecendo vários dogmas sobre Maria... Os mais recentes são os dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria. O primeiro (1854) do Papa Pio IX, isentou Maria do pecado original, por considerar que ela já foi concebida sem pecado. O segundo (1950) do Papa Pio XII, afirma que Maria foi elevada ao céu, sem conhecer a corrupção da morte e sem que a sua carne se sujeitasse ao processo de decomposição natural. Se Jesus subiu ao céu, Maria terá sido elevada ao céu, em corpo e alma. Ainda em relação a Maria, o Pastor Eduardo Conde terminou a sua apresentação com uma revelação surpreendente para grande parte dos presentes. Disse que, no Concílio do Vaticano II, visto por muitos como uma tentativa de renovação da Igreja, esteve por muito pouco (1114 votos contra 1074 a favor) a aprovação de

---

uma petição, apresentada pelas Igrejas espanhola, italiana e polaca, que pretendia que a Igreja Católica Romana passasse a considerar Maria corredentora, isto é, em completo plano de igualdade com Jesus Cristo, seu Filho, no que diz respeito à Salvação.

Usou depois da palavra o Pastor Emanuel Dinis, que começou por nos enquadrar na espiritualidade católica romana, já que muitos dos presentes tinham uma formação protestante. Fez referência à liturgia das “Três horas perante a Cruz”, que a Igreja do Mirante realiza todas as sextas-feiras santas, evocando a Morte de Jesus e refletindo sobre as 7 palavras de Jesus na Cruz, entre as quais aquela em que Jesus entregou Maria ao cuidado do seu discípulo João, de acordo com o texto do próprio João, em João 19: 26-27: “Mulher, eis aí o teu filho.” Depois disse ao discípulo: “Eis aí tua mãe.” Disse que foi atribuindo a esta palavra de Jesus na Cruz valor de doutrina, que os católicos romanos passaram a alargar a maternidade de Maria aos discípulos e à Igreja. A este propósito, o orador destacou o perigo de isolar textos bíblicos para a partir daí formular dogmas de fé. Neste sentido, o Pastor Dinis lembrou os cinco dogmas católicos romanos em relação a Maria, a saber: 1. Nascimento virginal de Jesus; 2. Maria, Mãe de Deus; 3. Perpétua virgindade de Maria; 4. Conceição imaculada de Maria. 5. Assunção de Maria. Considerou que mais do que em qualquer outro grupo cristão, a personagem de Maria ocupa um lugar destacado na Igreja Católica Romana. Aliás, o seu Catecismo afirma: “A devoção da Igreja à Santíssima Virgem é intrínseca ao culto cristão”. Ainda o mesmo catecismo ensina, que na descendência de Eva, Deus escolhe a Virgem Maria para ser a mãe de seu Filho. Cheia de graça, Maria é considerada “o fruto mais excelente da Redenção”. De acordo com esta visão, desde o primeiro instante, o da sua conceção, Maria teria sido totalmente preservada da mancha do pecado original, e permaneceu pura, livre de todo pecado pessoal ao longo de toda a sua vida. Maria seria “mãe de Deus”, visto ser a Mãe do Filho Eterno de Deus, feito homem, que é Ele mesmo Deus. Maria “permanece Virgem concebendo seu Filho, virgem ao dá-lo á luz, virgem também ao alimentá-lo no seu seio, sempre virgem”. De acordo com Lucas 1: 38, com todo o seu ser, Maria foi a Serva do Senhor. Na mentalidade católica romana, pela sua fé e obediência, Maria cooperou em toda a sua existência para a Salvação humana. Com esse argumento, o da sua obediência, Maria é considerada a nova Eva, agora mediadora das graças concedidas à humanidade, a que cooperou para a salvação, em contraponto com Eva que introduziu o pecado. Por isso, Maria passou a ser também considerada o caminho para Jesus. Autonomizado o culto a Maria, os católicos romanos passaram a considerá-la, naturalmente “cheia de graça”. No que diz respeito aos dogmas da imaculada conceição de Maria e da sua virgindade perpétua, destacou a associação entre impureza e sexualidade implicitamente associadas a eles. Considerou que, já no século XX, o Papa João Paulo II e o então cardeal Ratzinger enfatizaram o foco mariano da Igreja Católica Romana. Posterior-

---

mente, o mesmo cardeal Ratzinger, já Papa Bento XVI, sugeriu o redirecionamento da Igreja Católica Romana ao programa do Papa João Paulo II, para assegurar uma abordagem autêntica à cristologia, através de um retorno à "verdade sobre Maria". Nesse sentido, escreveu: "É necessário voltar-se a Maria se quisermos retornar à verdade sobre Jesus Cristo, a verdade sobre a Igreja e a verdade sobre o Homem". Num segundo ponto, o Pastor Emanuel Dinis lembrou alguns dos textos bíblicos que nos falam de Maria, sublinhando que os quatro Evangelhos são cristocêntricos. Lembrou que o 1º Evangelho a ser escrito, o de Marcos, nada nos diz sobre a infância de Jesus, pelo que em Marcos 3: 31-35, Maria surge já enquadrada no ministério e nos ensinamentos de Jesus. Em relação a este texto, referiu o facto da família de Jesus, a mãe e os seus irmãos, surgirem "de fora" do seu ministério. Já em relação ao texto de Marcos 6: 2-6, destacou o espanto e a incredulidade dos que estavam com Jesus em relação à sua família de origem. Num terceiro ponto, o Pastor Dinis falou sobre a visão protestante / metodista de Maria, começando por afirmar que acreditamos que a reverência e o louvor são unicamente para Deus e que consideramos idolatria tudo que nos afasta de uma relação direta com Deus. Logo, rejeitamos as doutrinas católicas romanas da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria, por destituídas de fundamento bíblico. Cristo foi a única pessoa a viver uma vida sem pecado, ainda que sujeito à tentação, assim como a subir ao Céu. Portanto, Ele é o único mediador com o Pai, de acordo com o texto de João 14: 6: "Ninguém vem ao Pai senão por mim". Nesse sentido, é evidente que rejeitamos qualquer ideia de Maria como corredentora e medianeira da fé. No sentido evangélico, a vida de Maria é um excelente exemplo cristão. O artigo II de "A Confissão de Fé do Livro da Disciplina" da Igreja Metodista Unida afirma: "Nós acreditamos em Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, em quem as naturezas, divina e humana são perfeitamente e inseparavelmente unidas. Ele é o Verbo eterno feito carne, o Filho unigénito do Pai, nascido da Virgem Maria pelo poder do Espírito Santo. Como servo ele viveu, sofreu e morreu na cruz. Ele foi sepultado, ressuscitou dos mortos e subiu ao céu para estar com o Pai, de onde Ele deve retornar. Ele é eterno Salvador e Mediador, que intercede por nós e por Ele todas as pessoas serão julgadas."

O Pastor Dinis considerou que existe uma tendência da tradição protestante para desvalorizar Maria, em grande parte por reação aos desenvolvimentos da Mariologia. Para os protestantes, Maria aparece associada ao ministério de Jesus, seu Filho no sentido biológico, mas também seu Mestre, Senhor e Salvador, no sentido teológico. Entre os protestantes Maria tem o lugar de serva humilde que as escrituras lhe reconhecem, onde nunca surge a fazer valer qualquer tipo de privilégios! Assim, Maria é grande, na proporção da sua humildade que é um dos grandes temas cristãos. A maior parte das referências a Maria, encontram-se nos chamados Evangelhos da Infância, o de Mateus e Lucas, assim como nos textos de Marcos e

---

João que já enquadram Maria no ministério de Jesus, o Cristo. Maria, como qualquer um de nós, é um instrumento nas mãos do Senhor, para dizer “Sim” na Fé às iniciativas de Deus, como testemunha das Obras de Deus. Devemos resistir à tentação de transformar as escolhas livres de Deus em méritos ou direitos de quem é escolhido. No caso de Maria, o escândalo é que ela seja retirada da história do pecado, sem ter necessidade da Graça, que nos é concedida unicamente por Jesus Cristo, quando nós ainda éramos inimigos de Deus. Como escreveu Paulo na sua carta aos Romanos 3:23: “Porque todos pecaram e estão destituídos da Glória de Deus!”. Paulo, aliás, não diz uma palavra sobre Maria. Limita-se a escrever, em Gálatas 4: 4, (em relação a Jesus) “nascido de mulher”. A Mariologia chega a um estádio novo com a corredenção. Para o protestantismo, é evidente que saímos dos limites bíblicos, e entramos num mundo de analogias e de alegorias, que conduz a um cristianismo lateral que tem muito pouco a ver com as Escrituras e muito mais com as superstições populares, enraizadas em crenças pagãs relacionadas com a deusa mãe ou Virgem mãe, recorrendo a construções simbólicas da renovação da vida pela fecundidade feminina e a proteção de mãe, que sofre pelos seus filhos. Apesar de considerar fastidioso lembrar todos os nomes das muitas Senhoras, o Pastor Dinis apresentou imagens de algumas das suas representações, tais como: a Senhora do Ó ou das Dores do parto, o ó do grito de dar à luz, já representada com um manto azul; a Senhora do Leite, símbolo de proteção, em que Maria aparece a amamentar Jesus; a Nossa Senhora do Bom Despacho e a do Trabalho, que surpreendentemente se evoca no 1º de Maio, reforçando a ideia de estar em todas as situações sob a proteção do sagrado; a Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Portugal, Espanha e outros países de língua portuguesa, associada ao carinho maternal e sustentando a necessidade de olhar mais para cima; a própria Nossa Senhora de Fátima, que começou por se chamar Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que enfatiza o valor da intercessão e da realização de sacrifícios. Pelo mundo fora existirão mais de 22 Nossas Senhoras! A Maria que os protestantes valorizam é a figura da serva, que se põe à disposição de Deus para cumprir os seus planos de salvação a favor da humanidade. Porém, ao longo do tempo, essa figura foi distorcida completamente por uma sociedade patriarcal, sem contar com a opinião ou intervenção de uma única mulher. Pode-se concluir que os que colocam Maria nos píncaros, já não a colocam verdadeiramente a ela, mas a alguém que tem o mérito da Graça, uma criatura à parte do plano de Deus. Essa Maria, sempre virgem à semelhança das vestais romanas, já não seria bem uma mulher, mas um ser assexuado, tal como surge em algumas representações da Nossa Senhora. Para as outras mulheres, a maternidade é considerada expiação da culpa de Eva por ter enganado o seu marido Adão! Talvez tudo isto contribua para explicar o papel subalterno atribuído às mulheres pelo catolicismo romano. Ora, o Evangelho de Jesus Cristo não tem nada a ver com isto! Na verdade, há práticas que não são

---

sancionadas pelo Evangelho libertador de Jesus, o Cristo! Nesse sentido, o Pastor Dinis lembrou que Jesus, mesmo num contexto social marcado pela dimensão patriarcal, estabeleceu com as mulheres uma relação muito intensa, sendo Maria uma dessas mulheres. Foram enumeradas e referidas outras mulheres com quem Jesus se relacionou livremente e sem quaisquer restrições: a mulher com um fluxo de sangue, que ousou tocar em Jesus e que Ele curou (Mateus 9: 20-22 e Marcos 5: 25-34); a mulher samaritana, que se encontrou com Jesus junto a um poço (João 4: 5-18); a mulher doente há 18 anos que Jesus curou a um sábado, declarando-a também “filha de Abraão” (Lucas 13: 11-17); a mulher cananeia, uma estrangeira, que buscou Jesus para lhe curar a filha, a quem Jesus disse: “Não é bom tomar o pão dos filhos e lança-lo aos cachorrinhos”, ao que a mesma mulher na sua humildade deu uma resposta tão sábia que levou Jesus a dizer-lhe: “Ó mulher, grande é a tua fé!” (Mateus 15: 22-28); a mulher acusada de adultério que Ele não julgou, nem permitiu a sua acusação, lembrando os pecados dos seus acusadores (João 8: 3-11); Marta e Maria, irmãs de Lázaro que Jesus ressuscitou, com quem Ele manteve uma amizade muito especial (Lucas 10: 38-42 e João 11: 1-45); as mulheres, especialmente Maria Madalena, que foram de madrugada ao sepulcro e se tornaram as primeiras testemunhas do Senhor ressuscitado (Mateus 28: 1-8, Marcos 16: 1-11, Lucas 24: 1-10 e João 20: 1-18). Na sequência de todos estes exemplos, o Pastor Dinis terminou a sua apresentação questionando: Como ignorar ou esconder tudo isso? Como não dar um lugar de corpo inteiro às mulheres no Ministério Presbiteral e Diaconal, incluindo o Episcopado, se houver vocação e a resposta: Eis-me aqui! Faça-se segundo a tua vontade!

No período reservado para os participantes emitirem opiniões e colocarem questões foi destacada a oportunidade de trazer a debate este tema, precisamente no ano em que evocam várias efemérides, para além dos 500 anos da Reforma Protestante também o Centenário das supostas Aparições de Fátima, a que protestantes e católicos romanos darão, respetivamente, o devido destaque. Mais uma vez, foi referida a fuga a esta controvérsia, considerando o diminuto número de artigos que abordam este tema em publicações protestantes / evangélicas, nomeadamente a partir de 1917. A este respeito foi destacado um artigo do Bispo Emérito Ireneu Cunha, no jornal “Portugal Evangélico”, nº 692, de Maio de 1979. Nesse artigo, com o título “Non Possumos”, refere-se ao recrudescimento do que designa por “mariolatria em Fátima” considerando-o um retrocesso na Igreja Católica Romana, afirmando também a discordância das consciências protestantes libertadas pelo Evangelho. Em relação às questões levantadas a propósito da virgindade de Maria, foi dito que os protestantes só aceitam que ela concebeu Jesus Cristo, por obra do Espírito Santo (Mateus 1: 20), o que não a impediria de, posteriormente, ter tido outros filhos do seu marido José, aos quais se referem alguns textos dos evangelhos. Assim, sob o ponto de vista protestante, foi considerado

---

irrelevante o dogma da virgindade perpétua de Maria, já que nada acrescenta ou põe em causa em relação à admiração que devemos ter por Maria, da mesma forma que a temos por outras personagens bíblicas, também exemplos de fé, de humildade e disponibilidade para servir a Deus. Também para os tardios dogmas da Imaculada conceição e da assunção de Maria, os protestantes não encontram fundamentos bíblicos. Foi ainda levantada uma questão em relação à relevância dada à veneração de Maria em Portugal, nomeadamente nas sociedades rurais a norte e a sul do rio Tejo.

---